

## A ESTRADA

Há muitos anos, quando meus três filhos eram pequenos, morávamos na casa do Tanaco (alugada), sita na esquina da Avenida Amaral Lyra, com a Rua Odilon Negrão. Eu tinha um velho Chevrolet, modelo 1939, comprado de segunda mão, cujo motor já estava "estuporado" e gastava óleo adoidado. No entanto, com esse carro antigo e deficiente, minha esposa dedicada, três moleques fortes, sadios e bonitos, advocacia florescente, eu era uma "cara" feliz.

Toda semana, à tarde, depois do jantar, Luíza e eu levávamos os filhos para um passeio, por uma das estradas que ligam a Nova América, Bairro do Quadro, Tabatinga, Borborema, Itajobi, Monjolinho, Tapinas, naquele tempo ainda não existiam as rodovias asfaltadas e retas. As estradas eram (como ainda são, na maioria) de terra e cheias de curvas. No porta-luvas, amarrado com um araminho (a mola tinha pifado), sempre havia um pacotão de bala "chita". Assim, a gente proporcionava às crianças um passeio inocente e gostoso, conhecia o município e aproveitava pra descansar o corpo das canseiras do dia. Era muito bom.

Lembro bem da velha estrada de Nova América. Saíamos pela Rua do Asilo (hoje Frei Paulo Luig), atrás do

hospital, passando por onde é hoje o Clube de Campo, depois pela Baixada do Armentano, até chegar a um bambual, que ainda existe até hoje. Lá, quando o sol vermelho estava sumindo para as bandas de Goiás, bem de tardinha, parava o automóvel e caminhávamos juntos, de mãos dadas, conversando, rindo e brincando. Com uma varinha comprida fazíamos desenhos e riscos no chão de terra, de areia. Depois, embevecidos, víamos e ouvíamos os pássaros, com seus cantos de despedida do dia. O bambual ficava repleto de sabiás, correntinos, papa-capins, pássaros-pretos e outros que nem sei. De vez em quando se destacava o canto triste da rolinha fogo-apagou. Era muito bonito.

Na volta, já quase noite, os filhos, com as carinhas coradas pelo ar puro do campo, já cabeceavam de sono.

Depois, o tempo passou. Os filhos cresceram, ficaram homens, constituíram suas famílias e tomaram suas profissões. Dois deles moram longe, muito longe. E o casal, que ainda tem reservas imensas de amor, ficou sozinho numa casa que se tornou grande, vazia e triste.

Domingo passado fiz uma estupidez. Com minha esposa, de Fusca, fomos até ao bambual da estrada de Nova América. No porta-luvas não estava mais o pacotão de bala "chita". Não obstante, paramos o automóvel no acostamento e fomos andar pela estrada de terra vermelha. Não encontrei

nenhuma varinha para rabiscar o chão. Não encontrei nenhuma mão pequena para segurar. Os passarinhos desertaram todos. Nem sabiá, nem pássaro-preto, nem papa-capim, nem uma rolinha. Não rimos nenhuma vez. Na volta dentro do carro, já quase noite, não vimos os três rostos corados, caindo de sono...

É óbvio que a estrada da vida não comporta retorno. A gente só pode caminhar para frente, sempre para frente, até o fim do caminho. É inútil a busca do tempo passado. Nem olhar para trás é permitido.

Mas, não vou me entregar. Domingo que vem tomarei uns netos emprestados, compro um pacote de balas, acho uma vara de rabiscar o chão e, certamente, os pássaros, em multidão, estarão nos esperando... no cair da noite.